

DO TORVELINHO SOLITÁRIO AO ESPETÁCULO DESGRACIOSO: ASPECTOS DO TRÁGICO EM *O ARCO DESOLADO*, DE ARIANO SUASSUNA

<https://doi.org/10.29327/210932.12.1-20>

Wilck Camilo Ferreira de Santana
Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Pernambuco - Brasil
wilck.camilo@ufpe.br
<https://orcid.org/0000-0001-5339-9914>

Livânia Régia da Silva Martins
Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Departamento
de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Pernambuco - Brasil
livaniaregia@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-7175-9155>

Marcia Danieli da Silva Costa
Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras,
Pernambuco - Brasil
marcia.danieli@ufpe.br
<https://orcid.org/0000-0002-8225-1334>

RESUMO: Desde o período clássico, o trágico é um conceito artístico largamente discutido no Ocidente. Na produção literária moderna, esse elemento aparece ora na estrutura da dramaturgia ora como tema, constituindo elementos estéticos no texto literário. É a partir da trama de um sujeito lutando contra o seu próprio destino que percebemos como a tragicidade configura certos segmentos ficcionais. Levando isso em consideração, este trabalho aborda, no desenrolar da análise, aspectos da tragédia moderna presentes na dramaturgia *O arco desolado* (2018), de Ariano Suassuna. O objetivo central do artigo é refletir sobre questões que constroem tensões da condição trágica do protagonista, Sigismundo. Isso posto, busca-se, nesta leitura crítica, apreender a construção do trágico analisando não somente o que dizem os elementos que constituem a narrativa, mas as formas construídas para dizer, o que abre margem para reflexões de características da tragédia, bem como as implicações da tragicidade no universo que planifica a dramaturgia suassuniana.

PALAVRAS-CHAVE: Ariano Suassuna. *O arco desolado*. Dramaturgia. Tragédia moderna.

FROM LONELY WHIRLWIND TO UNGRACIOUS SPECTACLE: ASPECTS OF THE TRAGIC IN "O ARCO DESOLADO", BY ARIANO SUASSUNA

ABSTRACT: Since the classical period, the tragic has been a discussed artistic concept in the West. In modern literary production, this element sometimes appears in the structure of dramaturgy and sometimes as a theme, constituting aesthetic elements in the literary text. It is from the narrative of a subject struggling against his own destiny that we realize how tragicity configures certain fictional segments. Taking this into consideration, this work addresses, in the course of the analysis, aspects of modern tragedy present in the dramaturgy *O Arco Desolado* (2018), by Ariano Suassuna. The main objective of this paper is to reflect tensions in the tragic condition of the protagonist, Sigismundo. That said, this critical reading aims to understand the construction of the tragic by analyzing not only what the elements that construct the narrative says, but the ways constructed to say it, which opens up space for reflections on the characteristics of the tragedy, as well as the implications of tragicity in the universe that plan the suassuniana dramaturgy.

KEYWORDS: Ariano Suassuna. *O arco desolado*. Sigismundo. Dramaturgy. Modern tragedy.



INTRODUÇÃO

A poética clássica (2014) lançou os alicerces da crítica literária no Ocidente. Isso significa dizer que, olhar para uma manifestação narrativa trágica ocidental, implica, até certo sentido, remeter a Aristóteles. Tendo em vista que esse filósofo define o drama como uma imitação de ações humanas, a sua teoria baseia-se num profundo conhecimento das tragédias gregas, fato que o levou a formular uma epistemologia de um estudo científico da arte, sobretudo no que se refere ao caráter construtivo da obra. Sabe-se, portanto, que, embora a tragédia tenha origem no período clássico, a condição trágica é uma circunstância que atravessa o homem moderno e sua solidão diante do mundo, sendo a obra literária, assim, uma espécie de estilização da vida pela linguagem escrita. Nesta leitura, portanto, este pensamento de renovação da tragédia moderna é discutido a partir do trabalho de teóricos entre os quais estão Luiz Rohden (2009) e Mario Fleig (2010).

Pensar as tensões humanas e comunicar através da arte literária é expandir as possibilidades do repertório de ideias e sensações sobre temas dos mais diversos. Nesse sentido, na leitura da tragédia *O arco desolado*, de 1952, de Ariano Suassuna, é possível perceber temas que remetem à questão da tragicidade, a exemplo das facetas da morte e do sombrio, estando isso associado ao destino do herói, bem como das tensões das demais personagens diante do drama da vida e da liberdade na construção de suas ações. Desde o primeiro momento em que a morte da rainha (personagem sem nome) é anunciada por Rodolfo, príncipe estrangeiro, filho de Carlos, encontramos, nas entrelinhas, um presságio da condição trágica. É essa tensão que liga as ações e os fatos da narrativa.

Desde a apresentação do título, a tragédia de Suassuna apresenta indícios que remetem a esses sentidos citados acima. No que diz respeito às suas simbologias, dentro dos limites da narrativa, esse arco desolado pode ser relacionado à parte de uma arma (arco e flecha), algo que designa uma imposição violenta. Também pode ser visto pelo viés de uma arquitetura arredondada, escrita em latim como *arcus*, que alude a uma imagem de um semicírculo aberto, uma circularidade interrompida, abrindo margem para pensar uma possível quebra do mito do Eterno Retorno (Nietzsche, 2017). Esse significado pode variar, porém é essa a essência simbólica de base comum ao texto. Nessa dramaturgia, portanto, é possível perceber a circularidade quebrada da tensão que liga a condição trágica do herói preso em um mundo condicionado e desolado. A imagem do arco, assim, constrói uma circularidade que não se fecha, fato que reflete nas ações.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é, a partir da leitura da dramaturgia, refletir sobre questões que constroem as tensões desenvolvidas pela condição trágica dos personagens de Suassuna, escritor paraibano, que, entre outros ofícios, foi, também, poeta, romancista e ensaísta (Victor, 2007). Além disso, buscamos, tanto na forma como nos temas, refletir sobre a atualização do gênero tragédia na modernidade. Assim, esta chave de leitura busca compreender traços do trágico na estrutura do texto, que aparece representado, em principal, na figura de Sigismundo, um herói que não se redime às condições

impostas pelo seu tempo, assumindo as consequências de sua liberdade. Além de se debruçar sobre o fato de que a tragédia moderna pode nos ensinar enquanto leitor.

Isso posto, busca-se apreender em *O arco desolado* a construção do trágico analisando não somente o que diz a narrativa, mas como se diz, quais são as formas construídas para dizer, o que abre margem para reflexões em torno de características da tragédia moderna. Para tal, toma-se como base, de um lado, a *Poética* de Aristóteles, que conceitua e discute tragédia clássica, e, de outro, o pensamento de críticos como Raymond Williams, que pensam a permanência do trágico a partir de outros tempos e espaços sob a perspectiva de que a tragédia “pertence a uma experiência mais profunda e mais íntima, ao homem e não à sociedade” (Williams, 2002, p. 89). Isso a fim de refletir como que elementos da tragédia se expressam em Suassuna, de modo que procuramos o trágico no nível da ação, pois é nela que a tragicidade ganha contornos, sendo a tragédia, por fim, uma forma de pensar, sentir e representar a relação do homem com o mundo e no mundo.

Em suma, a leitura de *O arco desolado* permite visualizar determinados elementos sob perspectivas até então não habituais, sendo a tragédia moderna, nesse sentido, o rompimento de uma ação que desestrutura o imaginário idealizado, e o trágico, por sua vez, algo que define, de forma didática, a condição humana (Calzavara, 2011). Isso porque, enquanto gênero narrativo, a tragédia não esgota a sua fonte e seus limites no trágico, tendo em vista que essa condição aparece na vida do sujeito moderno sob novos horizontes. Há, portanto, uma atualização tanto da forma como dos temas que abarcam o trágico, como veremos ao longo das discussões que se encontram presentes neste artigo.

SIGISMUNDO, O HERÓI TRÁGICO DO REINO DE PATRÍCIO

O arco desolado, de Ariano Suassuna, brevemente introduzido, apresenta, na origem de construção do seu tema, uma crença que envolve o temor por um mito que rodeia, do início ao fim, a vida de Sigismundo, filho considerado bastardo pela família real dos Patrícios; designando questões socioculturalmente construídas na lógica da obra. Esse filho, no decorrer da tragédia, só é revelado após a morte da rainha, por Bernardo (um funcionário de confiança do rei), para tentar resolver conflitos sobre o trono. Esse mito, que envolve o nome desse filho, tem relação com uma crença trágica dessa sociedade, pois, ao ter conhecimento do nome Sigismundo, Carlos, irmão do rei, afirma:

CARLOS – É verdade. O primeiro rei de nossa dinastia era muito amado pelo povo e foi um grande rei, uma espécie de santo. Como se chamava Sigismundo, surgiu, depois dele, uma tradição entre o povo de que o outro que assim se chamasse seria um sinal de trágicos acontecimentos, não só para o reino, mas para toda a sua família (Suassuna, 2018, p. 409).

No caso da obra em questão, essa condição emerge desde o título da obra, como já mencionado, até o nome do personagem principal. Sigismundo, de origem teutônica, vem do germânico “Segismund”, na qual “Segis” significa “vitória”, e “mund” quer dizer *proteção* (proteção com as mãos, no significado original); tendo isso a ver com as ações desenvolvidas por parte dele e de outros personagens. Não à toa, esse herói, dentro do

imaginário do Nordeste, desempenha uma simbologia de proteção por carregar o nome de um santo. Questão essa que evidencia a base mitológica trabalhada por Jolles (1976).

Diante da revelação do nome do filho de Patrício, Sigismundo, até então considerado desconhecido, a família real, envolvida com problemas de poder entre reinos, não considera tais questões míticas e resolve libertar Sigismundo da sua prisão, mudando a sua história, tanto seu futuro como seu passado. Mal desconfiavam que a questão mitológica implicaria o desenvolvimento de uma tragédia anunciada. Como construção da modernidade (Williams, 2002), a narrativa, diferente de sua estrutura clássica, alcança, dessa maneira, uma discussão que vai além do âmbito ético e político. A trama sugere, assim, reflexões sobre relações sociais ditas como contraditórias à condição humana. O mito em torno do nome do herói parece levantar representações de uma sociedade em que o poder é valorado acima de tudo. Tal questão do mito é pensada por Antonio Terzis a partir da perspectiva apresentada na sequência:

De fato, os mitos podem constituir-se no caminho seguro por onde são canalizadas as tensões perigosas para a comunidade, ou ainda a narrativa mítica pode constituir um campo apropriado à identificação de situações e personagens que refletem nossos desejos mais recônditos, os quais se realizam em nossos sonhos e fantasias, impossíveis na nossa vida cotidiana (Terzis, 2010, p. 146).

Nesse sentido, o mito leva em consideração uma crença popular que, de fato, desenvolve, na tragédia de Suassuna, um efeito responsável por influenciar diretamente o desenrolar das ações no que se refere à trajetória do herói. Ao ser liberto da prisão e descobrir um outro lado da vida, Sigismundo percebe que, essa, se trata, também, de uma outra forma de aprisionamento – eis aqui a metáfora da vida. Na dramaturgia, isso pode ser visto como representação do reino de máscaras em que ele se descobre preso a fatos sobre sua condição nesse espaço, e, assim, segue seu destino trágico, como considera Patrício ao voltar da guerra tendo Sigismundo como vencedor: “– O fato é que ele cumpriu tudo que se havia predito. Em poucas horas destruiu a vida de todos nós. Rodolfo morto, Marcílio morto. Cláudia desonrada e todos nós agora a caminho da morte” (Suassuna, 2018, p. 507); de modo que a morte é um aspecto que plasma essa realidade.

Prestes a ver a conclusão do ato trágico de Sigismundo, a família real vislumbra suas vidas diante daquela monstruosidade, e, em vez de ele acabar com a vida de todos, como esperavam, o herói foge do mundo das máscaras e se lança na mesma prisão em que passou a sua vida inteira. Nessa sua realidade paralela, a vida oscila entre o sonho e a realidade, questão que podemos atrelar a certos aspectos simbólicos da narrativa. Essa imagem pela contradição traduz um sentimento, um estar no mundo. Isso porque, em Suassuna, vive-se em prol de uma sociedade idealizada, falseada, como uma condição trágica que aprisiona o verdadeiro ser e a forma de estar na sociedade, demonstrando isso uma certa relação de base filosófica pautada na relação que atravessa o ser e o não ser.

Sonho e realidade sendo construídos de modo a causar dúvidas na diferenciação dessas experiências é uma das questões que podem ser relacionadas como ponto de intertextualidade entre *O arco desolado*, de Ariano Suassuna, e *La vida es un sueño*, de Cal-

derón de la Barca. Embora tais obras apresentem, também em comum, o nome dos personagens, na sua estrutura de sentido elas se diferenciam através dos percursos dos personagens e do foco narrativo. Enquanto na obra de Calderón os fatos são construídos no caminho de uma certa completude, em *O arco desolado* esse ciclo não se fecha, tendo em vista que há uma certa lacuna a respeito de informações e do próprio destino do herói, pois, ao fim do texto de Suassuna, não se sabe quem é o pai de Sigismundo e, com as palavras do Coro, elemento comum ao teatro grego, não se sabe mais nada, e, por ora, parece inacabado. Nesse contexto, o Coro anuncia presságios que se misturam à trágica situação.

¿Qué es la vida? Un frenesí.
¿Qué es la vida? Una ilusión,
una sombra, una ficción,
y el mayor bien es pequeño;
que toda la vida es sueño,
y los sueños, sueños son
(De La Barca, 2008, p. 74).

Essas questões iniciais em torno da tragédia *O arco desolado* nos levam a pensar que, apesar das diferenças estruturais e temáticas, a tragédia clássica, assim como seu ressurgimento na modernidade, surge como uma forma de transição na mudança de uma concepção mitológica acerca do mundo rumo a uma concepção cada vez mais racional. É em consequência desse e de outros fatores que o homem passa a refletir mais sobre si e seus atos. Isso para ressaltar a ideia de que, embora a tragédia clássica tenha se dispersado ao longo do tempo, ela acabou por deixar marcas que influenciam o teatro até hoje (Williams, 2002). Em seu arco desolado, Suassuna recria, a partir de um olhar regional, e por vezes intertextual, ações por meio de aspectos que constituem representações da condição trágica do herói. A partir disso, faz-se importante refletir acerca do conceito aristotélico de tragédia, que seria, depois, atualizado e reconstruído.

É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções (Aristóteles, 2014, p. 24).

Dentro dessa concepção, em que “drama” aparece relacionado à ideia de ação, a análise acerca do herói, Sigismundo, atém-se à esfera do comportamento das personagens diante das tramas espiraladas do destino. Dizendo de outra forma, a tragédia, segundo a concepção aristotélica, trata-se da imitação de ações, da vida e da desventura, de forma que as personagens são resultado das próprias experiências, ainda que condicionadas, tal como aparece na obra em questão, sendo essa, inclusive, a chave de leitura escolhida diante do percurso trágico do herói. Isso para destacar o fato de que as ações constituem a finalidade da tragédia, sendo essa a parte mais importante, e por isso tomada para análise.

Em síntese, as personagens constituem a totalidade das ações da obra. Nada existe a não ser através delas. Dentro desse contexto, é preciso considerar que, em suas particularidades, o Coro, responsável por trazer liricidade à obra, também desempenha função de personagem. Cabe “a ele analisar e criticar as personagens, comentar a ação, ampliar, dar ressonância moral e religiosa a incidentes que por si não ultrapassariam a esfera do individual e do particular” (Candido *et al.*, 2014, p. 87), tal como desempenha na tragédia do autor paraibano – assim como em Calderón –, ao colocar em xeque a desenvoltura das personagens: “grande raça sem rumo, a dos humanos! / pobres gestos de amor e de esperança / perdidos nesses mares impassíveis” (Suassuna, 2018, p. 414). Percebe-se, pois, o eco de uma sina que reverbera a condição da tragicidade das personagens a partir de tais posicionamentos do autor, em que se ver o trágico no confronto do homem e seus limites no mundo e das escolhas dos caminhos que levam ao futuro.

O príncipe, como personagem trágico, pavimenta uma longa estrada na busca pela verdade e pela identidade, em virtude da sua perplexidade diante o mundo, tendo em vista que o drama de maior tensão no qual vive Sigismundo é o de não saber de suas origens e de passar grande parte da vida aprisionado em uma cela em que almeja mergulhar “no amargo do universo para esclarecer-lhe a natureza” (Jolles, 1976, p. 91), sendo o seu mundo modelado a partir de um sistema enigmático pergunta-resposta. Fato que pode ser remetido às simbologias impressas no mito da caverna de Platão (2000), em que a escuridão representa a falta de conhecimento do mundo e de si.

Perdido na plenitude da treva, questiona: “onde estou? Um mundo estranho e grande. É mais um sonho sem sentido” (Suassuna, 2018, p. 415). Tendo um passado de sombras, o personagem crê que nasceu na prisão e, por isso, questiona: “e tu, nasceste livre? Todos nascem livres? Dize-me, Cláudia, todos nascem livres, menos eu?” (Suassuna, 2018, p. 418). Sendo essa base de questionamento algo assemelhado à ação recorrente no universo grego de um oráculo que representa a própria consciência da personagem. Porém, diferentemente do herói da tragédia clássica, o personagem de Suassuna, oriundo da modernidade, trava conflitos com a sua sina condenada diante de um mundo submerso em contextos socioculturais, políticos e econômicos, uma vez que o personagem moderno já não está submetido ao poder dos deuses como no mundo clássico.

Diante da sucessão de fatos que compõem essa dramaturgia, a morte da rainha não significa necessariamente um fim, mas a abertura para novos começos, tendo em vista que a libertação de Sigismundo só seria possível com a sua morte. Isso leva o herói a pensar: “haverá alguém no mundo mais desventurado do que eu? Cheguei tarde, por poucos momentos. Mas creio que havia de ser assim, meu nascimento e a morte, ali encerrados, abraçados um ao outro para sempre” (Suassuna, 2018, p. 422). Envolvido numa bruma espessa e contínua durante toda a vida, o herói se questiona do porquê de tragicamente ser arremessado a um mundo de suspeitas, crimes e delações, cheio de intrigas, de modo que, imerso nessa conjuntura, indaga: “Que vim eu fazer nele? É verdade tudo isto? É verdadeiro este mundo?” (Suassuna, 2018, p. 438), de modo que essa base de questiona-

mento é um mecanismo interno que plasma tanto a sua condição como a construção de sua percepção do que é o mundo, de modo que o único fato de que tem certeza é de que sofria, e continuava a sofrer, no mundo em que foi arremessado.

SIGISMUNDO – Porque pareces estar do outro lado, e eu... Não sei onde está a verdade! Olha através de tua cegueira! Vê pelo menos a cegueira! Não vês que ambos os mundos são irrealis e sem nexo? Um homem apunhala outro na treva, uma mulher morre, um povo se rebela, eu sou convocado de um mundo de sombras enfermas para tomar parte neste trágico enredo, e tudo isto não tem nenhum sentido. Talvez meu sofrimento provar a verdade do mundo anterior, mas este veio comigo. Está encravado nas minhas entranhas e, verdadeiro ou não, este mundo a que me vejo arremessado transpassa meu ser de uma desventura tal que não posso... Não posso mais! (Suassuna, 2018, p. 438).

É esse um drama narrado em primeira pessoa, assim como Hamlet (2020), de William Shakespeare, o que atribui uma certa profundidade das ideias dramáticas do personagem como reflexão da própria condição trágica diante da vida. Um dos momentos mais traumáticos vividos por ele é certamente a infância, como deixa claro: “e que infância conheci eu? No meu sonho, chorava às vezes de tanta solidão” (Suassuna, 2018, p. 439). As palavras cintilantes e terríveis que gemiam na sombra lhe diziam “que o nascimento é tão terrível quanto a morte. Ele já traz em si, germinado na sua raiz, a temerosa semente da morte (Suassuna, 2018, p. 440). Se encontra contido nesse personagem a própria ideia de vida e de morte, tendo em vista que é, a partir do seu aparecimento ou desaparecimento, que há um desenrolar das tensões narradas.

Há, assim, em Sigismundo, diferentemente dos demais personagens, uma espécie de revolta e de não aceitação da sua condição diante do mundo. Por essa razão, podemos ressaltar a questão dos significados da morte como um dos aspectos da tragicidade na obra (o que ficará claro ao longo deste estudo), de modo que esse tema aparece tanto na estrutura do texto como nas significações e representações acerca das ações e do cenário.

SIGISMUNDO – Sonho e sombra neste deserto de treva, um sonho terrível cujo sentido se desgarrou de minha sede. Mas se é um sonho, por que ouço pulsar na sombra os latidos de meu ódio? Ó minha carne! Que sentido têm, neste sonho, os uivos de minhas dolorosas descobertas? Não sei. Sinto apenas que eles se alimentam de tua substância bastarda. Bastardas minha carne e minha sede! Desterrado e estrangeiro neste lugar terrível a que fui arremessado! E tu, mulher viciosa e adúltera que me pariu, que sentido teve a tua vinda a teu deserto? Que sentido tiveram teus atos criminosos nessa trama sem nexo? Nenhum sentido, pois se todo o sonho nada significa, nada significam também nem o crime, nem a luxúria, nem a traição, nem a brutalidade que sinto a me espreitar de todo lado (Suassuna, 2018, p. 456).

Essa dualidade perpassa todo o texto por meio de elementos como o sonho e a realidade, a vida e a morte, a descoberta do mundo e de si. Em suma, a tragédia de Suassuna, nessas reflexões iniciais, põe em cena a ação do herói numa situação de conflito, sobretudo no que concerne à verdade que lhe é negada, instaurando, assim, uma nova ordem a

partir do autossacrifício (Azambuja *et al.*, 2009). O trágico se apresenta no texto por meio de uma postura manifestada de revolta e melancolia. Diferentemente do que pensou Aristóteles, nos conflitos que englobam a visão de mundo trágico, existe uma concepção histórica dessas ideias, assim como adverte Raymond Williams na sua busca pela relação entre tragédia e as culturas que as produziram. Havendo, assim, uma diferença entre a tragédia clássica e a moderna, sobretudo na dimensão do herói que é detentor da ação quebrando a previsibilidade do destino, como veremos a seguir.

DO TORVELINHO SOLITÁRIO AO ESPETÁCULO DESGRACIOSO

Em *O arco desolado*, auto que é parte de um ciclo de dramaturgias em que Ariano Suassuna trabalha o trágico, iniciado com o texto *Uma mulher vestida de sol*, de 1947, a maior parte das ações que compõem o enredo da dramaturgia se desdobram na parte interna de um palácio. O desenvolvimento das ações das personagens tem início com a morte da rainha e com a movimentação de toda a corte devido a esse acontecimento. A falta de herdeiros diretos ao trono instaura uma crise. Para além desse evento que cria uma atmosfera sombria, há uma sucessão de revelações e eventos nebulosos em torno dos personagens principiada a partir da descoberta de um possível filho herdeiro, Sigismundo, que havia passado anos enclausurado em uma cela em razão de uma profecia. Preso em grande parte da vida, ele aparece nesse momento de crise, dentro do dilema em que se apresenta como uma possível salvação e, ao mesmo tempo, como o cumprimento de uma previsão sangrenta, como pensa Marcílio (conde do reino de Patrício) ao destacar que “o povo sonha sempre com alguém como ele, surgido como por milagres para servir. Por isso, indaga: “Que caráter tem o príncipe? Desmente a tradição?” (Suassuna, 2018, p. 410), isso a fim de saber se a profecia acerca do príncipe se cumpriria ou não.

A atmosfera dramática é composta por um cenário de uma vasta sala do paço real, por portais, pelo quarto da rainha, escadarias para o Coro e uma porta secreta disfarçada por cortinas, estando esses elementos submersos em um universo de penumbra e silêncio. E isso suscita indícios da construção do trágico e desse elemento sombrio presente, sobretudo, na imagem do Coro que se apresenta dentro de uma penumbra crescente “com máscaras brancas aderentes ao rosto e mantos negros, conduzindo Sigismundo adormecido” (Suassuna, 2018, p. 414). A extensão dessas ações não ultrapassa o período de uma noite, de modo que a paisagem noturna serve de alicerce para o desencadeamento de ações obscuras. Assim, a leitura da trama baseia-se em elementos associados às facetas da vida e da morte, sendo essa uma temática constante na obra.

SIGISMUNDO – Sim, a morte dela e o meu nascimento. Sabes o que aquelas vozes pareciam injetar no meu sangue? Eram palavras cintilantes e terríveis, que gemiam na sombra a sua impotência feroz. Diziam que o nascimento é tão terrível quanto a morte. Ele já traz em si, germinando na sua raiz, a temerosa semente da morte. Já viste minha mãe? (Suassuna, 2018, p. 440).

A morte como elemento trágico atinge vários níveis nessa dramaturgia (como a morte física e a morte simbólica), sendo pensada a partir de diferentes perspectivas pelos

personagens a partir de posições dentro das lógicas sociais que compõem o mundo simbólico da narrativa. Para Carlos, por exemplo, a morte representa “uma sombra embriagada e a carne que começa a apodrecer” (Suassuna, 2018, p. 441). Para o rei, Patrício, ela é o peso e a medida da vida, pois “parece que só a morte é que dá a medida de cada um de nós” (Suassuna, 2018, p. 400). Para Rodolfo, em contrapartida, a morte está marcada pela presença, e “que coisa terrível é a sua presença!” (Suassuna, 2018, p. 398), apontado o príncipe, Sigismundo, para uma direção parecida, a de que a morte se encontra dentro do ser: “cada um carrega a sua consigo e ela contribui para o obscuro conjunto da vida com seu sangue espesso e sem esperança” (Suassuna, 2018, p. 428). O que significa dizer que as ações da tragédia suassuniana decorrem de uma sucessão de mortes materiais e simbólicas, representando, a um só tempo, o começo e o fim. Ela aparece representada nas formas da luta pelo trono, na violência e no abuso de poder.

Em vista disso, um importante aspecto da visão trágica acerca da vida presente nessa obra é a percepção da intraduzibilidade do mundo por parte herói que, em uma fala com Cláudia (sobrinha de Patrício e de Carlos), afirma: “Não entendo bem o que me dizes, nem consigo dizer o que quero” (Suassuna, 2018, p. 419). Talvez, por isso, uma das maneiras de representar as ações nesse arco desolado se dá a partir de uma escrita nebulosa dada à multiplicidade de percepções acerca do que se encontra entre a vida e o sonho, sendo esta a base filosófica que perpassa as ações da narrativa, uma vez que o protagonista na tragédia moderna domina a arte da retórica (Williams, 2002). Nessa tragédia, o mundo é, portanto, uma esfera marcada por oposições que perpassam um dilema existencial, sendo o palácio, assim, o espaço em que o claro e o escuro, a vida e a morte, o ser e o não ser se encontram.

Essa sucessão de ações nos leva a pensar que o mundo moderno, mesmo dentro de seu livre arbítrio, não está livre de situações imanentes do trágico. Nessa dramaturgia de Suassuna, a morte (princiada com a rainha) como representação da tragicidade designa um fim, mas também um princípio. Todas as iniciações atravessam uma fase de morte antes de abrir o acesso a uma vida nova, uma passagem a outro estado. A morte exprime, nesse sentido, a transformação dos seres e das coisas, a mudança, a fatalidade irreversível da vida. Simboliza renovação e nascimento (Chevalier, 2015). Essa ideia se encontra impressa no seguinte pensamento: “Que mundo terrível é esse a que cheguei, em que só vejo máscaras e morte?” (Suassuna, 2018, p. 428), indaga Sigismundo.

Isso para dizer que as personagens assumem uma duplicidade, como se usasse uma máscara, e o que delimita essa transição é justamente o aparecimento da morte, como símbolo e como fato. Todas as desavenças e revelações são realizadas após o falecimento da rainha, sendo esse episódio a marca da morte simbólica, e ao mesmo tempo do renascer dos personagens para uma nova fase em que se deixam revelar faces encobertas por máscaras sociais impostas na convivência de tal reino, tendo em vista que o sujeito moderno deve dar conta das exigências do mundo e livrar-se da fatalidade do destino. Nesse contexto, viver sem máscaras, para o protagonista, Sigismundo, que atravessa um árduo

processo de autoconhecimento entre dois mundos, representa uma vida sem mutilações, sem mentiras ou fingimentos, isto é, ele não aceita certas imposições da natureza social, como pode ser lido na fala do personagem Rodolfo direcionada a Carlos.

RODOLFO – Acreditar! Em quê? Não sou um covarde como vós. Não vivestes assim durante toda a vida? Quem mais luxurioso do que vós, que traístes minha mãe com a esposa de vosso irmão? Por que fingir? Não gosto de fingir, a não ser que precise. Sou um homem integral, compreendestes? Um homem sem mutilação. Conheço até onde vou. (*Aponta a cabeça.*) Até aqui vive e reina Rodolfo, e é nos limites de meu corpo que gero minhas leis. Entendestes? Ide agora. Já sabes quem sou eu. Mostrei-me sem disfarces ao homem que me gerou. É uma oportunidade rara para quem não gosta de hipocrisia e, no entanto, vive a ela obrigado. Para não mentir, é uma sensação próxima da do gozo físico, mostrar-me por inteiro, sem perigo que me ameace (Suassuna, 2018, p. 455).

Quando Sigismundo se presta a ouvir essa conversa entre Carlos e Rodolfo, na qual revela ao pai que os dois estão tramando conquistar o trono ao amanhecer, o herói tem certeza de que, nesse mundo, a verdade não encontra facilmente o seu lugar entre os seres. Além desse fator, há, no decorrer da trama, uma sucessão de revelações e de mortes físicas, algumas marcadas por violência e por poder. O Espião, por exemplo, é morto com uma punhalada na garganta quando tenta falar com o príncipe. Rodolfo é morto por Marcílio, que se mata logo em seguida se atirando da janela para as pedras. Clemente (um pastor) é julgado e morto por Sigismundo. Cláudia morre ao correr em direção aos rebeldes que ameaçam uma invasão. Essa sucessão de mortes possibilita representar o fracasso de um mundo de farsas que pode ser identificado nos segredos revelados, bem como da situação política em torno da sucessão do trono e do domínio do território no reino de Patrício.

Sobrevivem, portanto, apenas Patrício, Carlos e Bernardo. Seria essa uma morte em vida? Para além disso, no que diz respeito à forma do texto, as palavras vão ganhando um tom nebuloso, de penumbra, obtendo, dessa maneira, uma escala cromática sombria: “palavras nebulosas e sem nexos, que giram solitárias em torno da própria treva” (Suassuna, 2018, p. 418), como destaca o herói. Todas essas questões aparecem impressas desde a utilização das cores, na ambientação noturna e vai até o paradoxo da vida e da morte. Não à toa que o conjunto de ações acontecem no período de uma noite e, assim, percebemos como a tragicidade configura segmentos literários na dramaturgia de Suassuna. Nessa tragédia, o herói desempenha a função de agente, ao passo que ele realiza uma mudança radical que reflete na ação dos demais personagens. E por isso a morte, em *O arco desolado* desempenha representações além do simbolismo físico.

Nessa perspectiva, Sigismundo, o herói, põe em evidência sua escolha. Ao conhecer o mundo externo, decide retomar à cela (ao não lugar) onde passou a vida inteira, uma vez que a vida fora desse espaço exprime um teatro de máscaras, em que as personagens representam padrões pré-estabelecidos pela sociedade. Sigismundo, como autor do próprio destino, assume, assim, a responsabilidade de suas escolhas. Não à toa que esses

padrões são recusados por ele, pois, sobre esse indivíduo recaem as privações impostas pela determinação da natureza social e da cultura. Nesse arco desolado, portanto, as personagens conduzem uma jornada em que as tensões “sustentam” as máscaras sociais, e Sigismundo, portanto, após conhecer as facetas de um mundo exterior à sua cela, pela primeira vez torna-se capaz de usar a liberdade na construção de seu destino.

SIGISMUNDO – Poder-se-á, porventura, subsistir envolvido por outra vestidura que não a treva e a sombra? Onde estou? Um mundo-estranho e grande. É mais um sonho sem sentido. Se eu me mover, tudo regressará ao meu silêncio e que quão terrível é a nudez de Sigismundo! Eu a engendro dentro de mim e eis, que perdido nessa plenitude de treva, me assalta o sofrimento. Desgraçado de mim! Onde buscar a coragem de abrir os olhos? (Suassuna, 2018, p. 415).

Além da presença dos elementos supracitados, como um mundo de luz e sombra, vida e morte, que se instaura na mente de Sigismundo entre o sonho e a realidade, entre o ruído e o silêncio, a condição trágica na dramaturgia de Suassuna pode ser observada através de um herói que luta contra as adversidades da vida, mas que continua sentindo o desespero da solidão, pois viver significa um eterno perder-se e encontrar-se. Um ciclo que nunca se completa. Isso se encontra presente no texto a partir das condições que aprisionam o personagem diante das questões da vida em mundo estranho e manipulado.

Construído a partir da perspectiva da personagem, sempre dentro de um contexto de treva e sombra, como aparece na citação acima, Sigismundo é considerado um bastardo pela realeza, ele é um personagem que não se adapta a sua realidade e a seu destino. Esse, apesar de um destino alçado pelo próprio sujeito em sua individualidade, é um destino forjado sob o controle de um meio coercivo, condicionado a uma sociedade parasitária em torno de uma natureza social, cultural e econômica construída sob paradoxos humanos. Encontra presente, desse modo, uma relação de manutenção pelo poder dentro do reino de Patrício. Existe, nisso, uma quebra na previsibilidade da narrativa e da jornada de Sigismundo que acarreta a catarse, pois há algo de contraditório na concepção da condição trágica, uma vez que a quebra da expectativa revela efeitos na recepção. Sobre essa questão da tragédia moderna, é interessante observar o pensamento de Fleig:

Assim, considero que o conflito descrito por Freud como sendo o núcleo da condição humana, e do qual decorrem as soluções de conciliação comprometidas com uma parcialidade dos termos antagônicos, nas formações sintomáticas, corresponde à oposição contraditória específica da dimensão do trágico em que cai o sujeito (Fleig, 2010, p. 12).

De acordo com o pensamento desse autor, a tragédia enquanto gênero narrativo não esgota as fontes e os limites do trágico, tendo em vista que é essa uma condição também manifestada nas vivências do sujeito moderno. A esse respeito, o mal-estar que envolve a consciência de Sigismundo perante um mundo descoberto brutalmente, ante a mentira tramada para a condução do seu destino e o apagamento do seu passado, é sintomático na construção da tragédia em sua forma ao tomar uma dimensão de espetáculo do horror e envolver todos os personagens da trama. Assim como na vida, a tragédia mo-

derna, segundo Fleig, está baseada no conflito, de modo que a vida pode ser lida como uma condição contraditória, como pode ser visto neste trecho do Coro:

O ciclo não se fecha e a manhã chega.
 As areias insones do deserto,
 Volvidas pelo vento e pela morte,
 Penetraram no véu com tua sede.
 Sonhavas encontrar águas ausentes
 No termo voluntário do mistério.
 Sabe, porém, que além de teu limite,
 Atrás da porta e do arco desolado,
 Encontrarás somente o teu regresso.
 Quando a vós, apegai-vos aos destroços,
 Que amanhã chega e o ciclo não se fecha.
 Pois, seja nessas águas que sonhais,
 Seja em tumbas de amarga privação,
 Já levareis no termo o cumprimento
 E achareis, fenda vã, passada a porta
 A velha teia e a trama exacerbada
 (Suassuna, 2018, p. 519).

O ciclo não se fecha, assim como um arco, sendo esse, por isso, um arco desolado. Esse desolamento mantém relação com algo de grande aflição por parte dos personagens consternados, aflitos, desconsolados diante das imposições da vida e do destino. Assim, podemos enxergar como aparece a metáfora da vida nesses conflitos que ressaltam a condição trágica de Sigismundo diante a natureza social e cultural do reino. Diante de tais circunstâncias pensamos que, na modernidade, portanto, tal como em *O arco desolado*, o gênero da tragédia é renovado. Reinventa-se e passa a exercer uma determinada função nos gêneros literários, seja como tema, seja como estrutura narrativa. Nesse sentido, é possível pensar a construção da tragédia também a partir da perspectiva de Luiz Rohden:

O processo que envolve a tragédia da sua escritura à sua leitura sustenta uma proposta de aprendizagem do viver mais longa que a intuitivo-conceitual; ou seja, ele se constitui em uma dolorosa e tortuosa, válida em todos os tempos e lugares, bem como muito cara e própria à filosofia hermenêutica (Rohden, 2009, p. 23).

A tragédia *O arco desolado*, gênero que encerra o trágico, mostra como a vida humana nessa sociedade é limitada e contraditória. Enquanto no pensamento aristotélico acerca da tragédia clássica o destino do mundo envolve deuses que dão a certeza da vida, para autores como Rohden e Fleig, mencionados acima, na modernidade, na qual se insere o contexto de Sigismundo, encontramos as incertezas de uma sociedade falseada no sentido que é provado no texto o mundo de máscaras que o protagonista desvela. Isso no sentido de que os seres vivem uma mentira, em vez de lutarem pela liberdade de seus próprios destinos. Há, nisso, um certo questionamento sobre a vida e sobre a liberdade, sendo o mundo formado de ações contraditórias, considerada essa a base comum à vida.

Há, então, diante de tais representações, uma dialética moderna em que não existem respostas para as questões de Sigismundo, que apresenta suas últimas palavras:

SIGISMUNDO – Não há motivo de sofrimento, agora. Estamos todos unidos e os sábios foram apanhados na própria astúcia. Todos unidos, um bando de fornicadores, idólatras, adúlteros, efeminados, ladrões, avarentos, assassinos e palhaços ambiciosos. O saque da cidade, devíeis apresentá-lo. Um espetáculo desgracioso. Como são pobres os homens no seu desafio, quão boçais na sua danação! E o sangue a inflamar-se para cobrir tudo o que há de inerte e apodrecido nessa esquerda danação. Que sabeis disso, matilha acovardada? (Suassuna, 2018, p. 511).

Ao final, Sigismundo encerra-se na própria solidão, voltando para a cela. Desse modo, o conjunto de ações desse espetáculo desgracioso lança ao leitor uma quebra de expectativa, uma vez que, mesmo conhecendo uma realidade exterior, o herói resolve voltar à prisão, gerando terror e espanto com sua ação final, e a tragédia provoca a quebra da diferença com o conflito insuperável. Diante disso, é possível pensar que é esse, portanto, um arco desolado, que não se fecha, por isso, há, ao fim, essa quebra de expectativas, sobretudo pela atitude de Sigismundo diante das escolhas. E isso ocorre, em principal, pelo fato de ele escolher voltar à cela, em vez de viver no mundo de máscaras, tal que escolhe lutar contra o próprio destino.

SIGISMUNDO – Sabei então que posso me libertar, eu, Sigismundo, configurando eu mesmo a minha morte. Organizarei, antes que ele próprio se insinue no meu sangue, o coro de seus latidos enfurecidos, e a sede se extinguirá comigo. Nasci numa gruta selvagem e noutra fui encerrado. Que aí se consuma Sigismundo, sepultado na máquina da treva que ele agora forja e aceita para a sua sede. Adeus! (Corre para a cela) (Suassuna, 2018, p. 516).

Nesse pano de fundo, não somente o herói, mas os outros personagens buscam escolhas individualizadas, a favor de interesses próprios, mesmo que isso custe a vida. Há, por essa razão, uma forte simbologia da morte e da vida nessa tragédia. Sobre esse e outros aspectos, a autora Rosimere Bendlin Calzavara destaca a seguinte questão:

A respeito das personagens, na tragédia moderna as personagens são mais individualizadas. A justiça é mais abstrata, mais fria, mais particularizada, os indivíduos se degradam de outra maneira. O despedaçamento do indivíduo se dá contra forças estabelecidas no plano social e o apaziguamento pode basear-se no reconhecimento de que o destino que o indivíduo experimenta é o mais adequado às suas ações (Calzavara, 2011, p. 5).

O desdobramento final de Sigismundo, para ele, consta na única saída desse sofrimento que nessa realidade de vida é insuperável. Preso ao passado ou ao futuro, repleto de problemas sociais, Sigismundo não consegue mudar sua realidade pessoal e mergulha no caos e na angústia ao voltar para a cela onde passou grande parte da vida. Diante disso, faz-se necessário, uma vez mais, dizer que, assim como um arco, o ciclo, na dramaturgia e na vida, não se fecha. Isso porque nunca conseguimos encontrar todas as respostas

nem dar conta de tudo que nos provoca na vida. *O arco desolado* impulsiona, portanto, o leitor ao delírio da reflexão sobre a vida, a morte e o sonho da sociedade das máscaras. Sigismundo e sua tensão na vida configura, diante desse contexto, uma jornada de tragicidade moderna, uma vez que o condicionamento é reflexo desse desfecho trágico.

Também sobre a tragédia moderna, Raymond Willians pensa a respeito das permanências do trágico. Concordamos com o autor quando defende que a tragédia pertence a uma experiência mais profunda e mais íntima do homem. Nesse sentido, consideramos que o conceito de tragédia moderna se baseia na individualidade subjetiva amparada pelas relações de poder compactuadas por uma crise ética. Essa crise, que representa o ser ou não ser de Sigismundo e dos demais personagens, é exposta sob formato de máscaras no reino de Patrício, em que o herói nega fazer parte das marionetes do reino ao findar seu rito trágico, que, segundo Willians, concebe o fracasso do herói.

É um último grito trágico, num mundo que desintegra. O desejo humano destrói a si mesmo, sob pressões intoleráveis, e a figura do herói individual, que poderia refazer a sua vida e o seu mundo, está agora completamente esquecida – é uma das histórias antigas –, enquanto o homem contemporâneo isolado, não desejando nada mais do que ser ele mesmo, fracassa até mesmo nisso, transferindo então a significância para o seu nome e a sua morte (Willians, 2002, p. 141).

O mundo moderno constrói, assim, uma série de armadilhas, como as máscaras sociais, as questões existenciais e o homem que não se adapta, como Sigismundo, que luta contra o seu destino e vai ao encontro do trágico. Suassuna, no seu arco desolado, expõe, em linhas gerais, as camadas de impossibilidades ao elaborar um personagem capaz de pensar a vida sob uma ótica crítica que delineia uma sociedade completamente controlada. Essa sociedade, na obra, está aprisionada às máscaras sociais, assim como Sigismundo está preso naquele castelo. Por isso a dualidade entre vida e morte, prisão e liberdade, claro e escuro, ser e não ser. Com efeito, o próprio tempo é suspenso na peça, mas as condições que padronizam a tensão da vida em sociedade perpassam a medida do tempo sob efeitos do trágico que alcançam o personagem principal e espelham os demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do surgimento da tragédia manter relação com o período clássico, percebe-se que, no âmbito da modernidade, a concepção do conceito do “trágico” passa por reformulações, reconfigurando esse gênero sob novas perspectivas. Como defendem os teóricos citados ao longo desta leitura, há, assim, uma renovação da tragédia no mundo moderno. Em *O arco desolado*, do paraibano Ariano Suassuna, as ações de Sigismundo, protagonista trágico, encontram-se dentro desse contexto de renovação, tendo em vista que o seu destino não depende mais da relação entre o indivíduo e o poder dos deuses.

É no sujeito sozinho, lutando contra o seu destino, que percebemos como o trágico ganha forma na obra. As ações da tragédia e a representação da condição conflitante são, assim, uma reflexão da nossa situação finita e contingente de ser e de viver. O trágico, por sua vez, representa um caso exemplar com o qual podemos aprender, pelo prazer ou

pela dor. O herói, Sigismundo, assim como os demais personagens, desempenham uma função de protagonistas de seus destinos. E por isso as ações estão de alguma forma atreladas às esferas de significados da morte, como solução trágica (Azambuja *et al.*, 2009). A experiência de que pertencemos, nós e obra, a um horizonte de consciência comum representado pela linguagem é um modo de nos retroprojetarmos. A obra conduz o sujeito-leitor à autocompreensão de si pelo padecer ou compadecer diante do herói.

Outra informação a ser destacada é que a leitura dessa tragédia supõe um Ariano leitor. Isso pelo fato de ele, enquanto leitor-escritor, operar relações intertextuais, como, por exemplo, com *La vida es un sueño*, de Calderon de la Barca, até relações mais indiretas com textos como *Hamlet*. Ele recria, assim, textos clássicos a partir de sua estética armorial, movimento de sua autoria, que objetivou criar uma arte erudita a partir de raízes populares da cultura brasileira (Victor, 2023). Assim, as figuras que compõem a criação do seu universo mítico servem para o trabalho de contradições que envolvem a condição trágica, tendo em vista o alcance da arte entre ao homem e a cultura.

Por fim, a tragédia suassuniana cria e recria, ainda que por uma ótica armorial, conflitos humanos de matriz universal associados entre a base filosófica do ser e do não ser. Todavia o prazer estético não se reduz a uma fruição instantânea, passageira, sem efeito sobre a vida do leitor. Este não se encontra, no final da leitura, como estava no início. É assim que o dramaturgo reproduz, na forma, a unidade por meio da qual a cultura se expressa como linguagem. Em linhas gerais, filosofar através da leitura do texto literário, em especial da tragédia moderna, significa, nesse contexto, e até certo sentido, que a experiência da leitura nos ensina a “morrer”. De outra maneira, o trágico representa um caso exemplar com o qual podemos aprender, pelo prazer ou pela dor, a viver melhor.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- AZAMBUJA, Celso Candido; LUÍS, Cristóvão Atilio Viero; MELLO, Fernando Moraes de; ROHDEN, Luiz (orgs.). **Os gregos e nós**. São Leopoldo: Unisinos, 2009.
- CALZAVARA, Rosemari Bendlin. **Aspectos da tragédia moderna na dramaturgia de Jorge Andrade**. XII Congresso Internacional da ABRALIC. 2011. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0986-1.pdf>. Acesso em: 1 out. 2023.
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 30. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- DE LA BARCA, Pedro Calderón. **La vida es un sueño**. São Paulo: Hedra, 2008.
- DOLEZEL, Lubomír. **A poética ocidental: tradição e inovação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- FLEIG, Mario. *Antígona, o discernimento entre o bem e o mal, à luz da ética do desejo*. In: MAGALHÃES, Fernando; DI MATTEO, Vincenzo (orgs.). **A filosofia e o trágico**. Recife, UFPE, 2010.
- JOLLES, André. **Formas simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ROHDEN, Luiz. **Os gregos e nós**. São João Batista: Unisino, 2009.
- SHAKESPEARE, William. **Hamlet, príncipe da Dinamarca**. São Paulo: Ubu, 2020.

- SUASSUNA, Ariano. *O arco desolado*. In: **Teatro completo de Ariano Suassuna**: tragédias, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- SUASSUNA, Ariano. *Uma mulher vestida de sol*. In: **Teatro completo de Ariano Suassuna**: tragédias, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.
- TERZIS, Antonios; ORLANDI, Maria Aparecida. *Relacionando mito-sonho-inconsciente: um estudo psicanalítico*. **Mental**, v. 8, n. 14, p. 133-150, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272010000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1 out. 2023.
- VICTOR, Adriana. *Emblemas e sagrações de Ariano Suassuna*. **SUPLEMENTO PERNAMBUCO**, Recife, n. 211, p. 12-15, set. 2023.
- VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna**: um perfil biográfico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.